

Batalha de Tannenberg

Estratégia, cultura e memória

Carlos Roberto Carvalho Daróz ^a

Resumo: A presente investigação analisa a Batalha de Tannenberg (agosto de 1914) em três níveis interdependentes: estratégico-operacional, historiográfico e memorial. Parte-se da historiografia militar clássica da Frente Oriental para, em diálogo com a história cultural da guerra e com a teoria da memória coletiva, problematizar o processo de transformação de um episódio operacional em mito fundador da identidade bélica alemã na Primeira Guerra Mundial. Argumenta-se que Tannenberg não pode ser compreendida apenas como vitória tática, decorrente da mobilidade ferroviária e da exploração de falhas russas, mas como evento progressivamente ressignificado por dispositivos simbólicos que articulam passado medieval, nacionalismo e cultura da guerra total. O estudo mobiliza a obra de Dennis Showalter, Norman Stone e Holger Herwig, articulando-a com as formulações de Maurice Halbwachs, George Mosse e Jay Winter sobre memória e sacralização da morte em massa. O artigo também dialoga com a historiografia brasileira sobre a Primeira Guerra Mundial, inserindo a análise no campo mais amplo dos estudos da guerra no Brasil.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial; Tannenberg; Frente Oriental; Memória coletiva; História cultural da guerra.

INTRODUÇÃO

Nos movimentos de abertura da Grande Guerra (1914-1918)¹, os alemães colocaram em prática

o Plano Schlieffen², que visava, em última instância, evitar um enfrentamento em duas frentes. A Alemanha lançou uma invasão massiva da França, esperando

^a Coronel de Artilharia, doutor em História. Associado Titular Emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



tirar rapidamente os Aliados Ocidentais da guerra, para que pudesse reforçar sua Frente Oriental e concentrar o esforço de guerra ali. O que aconteceu, no entanto, foi o oposto do previsto.

No oeste, o avanço alemão foi interrompido quando a Grã-Bretanha se uniu ao esforço de guerra. Um ponto fraco na ofensiva dos alemães foi explorado a leste de Paris, e estes foram forçados a estabelecer uma linha de defesa, que permaneceu, em grande parte, estática pelo resto da guerra.

No leste, esperava-se que um exército alemão em menor número simplesmente resistisse aos russos, mas, antes que a Frente Ocidental pudesse se estabelecer em suas posições imóveis, os alemães no leste obtiveram uma vitória impressionante que surpreendeu a todos.

A Batalha de Tannenberg, travada entre 23 e 30 de agosto de 1914, foi uma vitória tão decisiva que nada semelhante seria repetido pelo resto da guerra,

ocupando posição singular na historiografia do conflito.

Embora militarmente circunscrita à Frente Oriental, sua repercussão simbólica ultrapassou em muito sua escala operacional. Para Dennis Showalter, tratou-se de uma “batalha de aniquilamento em miniatura”, cuja magnitude psicológica excedeu seus resultados estratégicos imediatos³.

Já Norman Stone enfatizou que o episódio deve ser compreendido dentro das limitações estruturais do Exército Russo e da geografia da Prússia Oriental⁴.

No entanto, a análise tradicional, centrada em movimentos de tropas, comunicações interceptadas e deslocamentos ferroviários, revela-se insuficiente, quando confrontada com o impacto memorial e político do episódio. A vitória alemã foi rapidamente enquadrada como revanche simbólica da derrota dos Cavaleiros Teutônicos pelas forças eslavas na batalha medieval homônima de 1410.



Essa reinterpretação não decorreu de espontaneidade cultural, mas de um processo de construção deliberada de sentido.

A abordagem aqui proposta parte de três premissas teóricas:

a) A guerra moderna produz não apenas destruição material, mas regimes de significado.

b) A memória coletiva organiza o passado segundo necessidades presentes.

c) A cultura da guerra transforma eventos operacionais em mitos mobilizadores.

Maurice Halbwachs afirma que “a memória coletiva reconstrói o passado à luz dos quadros sociais do presente”⁵. Essa formulação é central para compreender como Tannenbergh deixou de ser apenas operação militar para converter-se em símbolo de renascimento nacional.

Ao mesmo tempo, George Mosse demonstrou que a Grande Guerra inaugurou uma nova estética da morte heroica, transformando o sacrifício em elemento central da cultura política

européia⁶. Jay Winter, por sua vez, analisou como os “lugares de memória” emergiram como respostas simbólicas à devastação em massa⁷.

Assim, este artigo articula três níveis analíticos: a) O nível estratégico-operacional; b) O nível da cultura política alemã; c) O nível da memória e sua institucionalização.

Cumpramos assinalar que a presente investigação foi desenvolvida por ocasião do doutoramento do autor em História Militar na Université Libre de Bruxelles (ULB), atendendo ao *Programme Erasmus+* da União Europeia, oportunidade na qual foi possível o acesso a inúmeras fontes primárias, na Bélgica, França, Luxemburgo, Alemanha, Espanha, Portugal e Países Baixos. Além da pesquisa documental, a investigação deu-se por meio de investigação de campo em dezenas de campos de batalha, cemitérios militares, bem como sítios históricos e lugares de memória, representativos do período analisado. Outra coleção de fontes



relevantes foi a biblioteca Simone Veil⁸, do Departamento de História do Campus Solbosch da ULB, que reúne vasto acervo relacionado com o objeto trabalhado.

PRELÚDIO DA BATALHA

Logo no início da guerra, a Alemanha viu-se lutando em duas frentes. O país estava bem preparado, mas as coisas não estavam indo exatamente como planejado. Com os desenvolvimentos na Frente Ocidental, parecia cada vez mais improvável que os alemães pudessem reforçar seus exércitos no leste.

Em agosto, apenas dois meses após o início do conflito, a situação no leste era precária. O 8º Exército alemão estava em grande desvantagem numérica. Sob o comando do General Paul von Hindenburg e seu chefe de estado-maior, General Erich Ludendorff (figura 1), os alemães lançaram em campo cerca de 200 mil homens. Enfrentando-os estavam os 1º e 2º Exércitos russos, sob o

comando dos generais Paul von Rennenkampf e Alexander Samsonov (figura 2), respectivamente. Combinados, as forças russas totalizavam mais de 500 mil homens.

Fig. 1 – Os generais Paul von Hindenburg e Erich von Falkenheyn, vencedores da Batalha de Tanneberg



Fonte: *Library of Congress, USA*

Antes da nomeação de Hindenburg para o comando do 8º Exército, os alemães já haviam sofrido uma derrota em Gumbinnen, em 20 de agosto, após um ataque montado às pressas para tentar pegar os russos



desprevenidos. Hindenburg e Ludendorff substituíram o General Maximilian von Prittwitz e o Marechal de Campo August von Mackensen dois dias depois⁹. Apesar da derrota, os alemães infligiram baixas significativas aos russos e descobriram os planos de batalha russos junto ao corpo de um oficial morto.

Fig. 2 – General Alexandr Samsonov, comandante do 2º Exército russo



Fonte: KÜRENBURG, 2012.

Apesar da oportunidade de avançar em Königsberg (agora o

enclave russo de Kaliningrado), a situação para os russos estava longe de ser perfeita. A logística ruim desacelerou seu avanço, enquanto a diferença nas bitolas ferroviárias entre os territórios russo e alemão exacerbou a situação ainda mais.

Apesar da vantagem óbvia de ter superioridade numérica, os russos também não eram tão bem treinados quanto os alemães e estavam armados com armamento e equipamento de qualidade inferior. Os russos também possuíam munição limitada, o que seria um fator significativo na capacidade da infantaria de lutar efetivamente. A artilharia russa tinha o dobro da quantidade de peças dos alemães, mas estas eram de calibre e projeto inferiores.

A DINÂMICA OPERACIONAL: MOVIMENTOS, CERCOS E COLAPSO

A Batalha de Tannenberg desenvolveu-se no espaço geográfico da Prússia Oriental, região



marcada por lagos, florestas densas e infraestrutura ferroviária relativamente eficiente. O teatro de operações estendia-se entre Allenstein (Olsztyn), Neidenburg (Nidzica), Willenberg (Wielbark) e o complexo lacustre da Masúria. A geografia desempenhou papel decisivo na fragmentação das forças russas.

O plano russo previa avanço convergente de dois exércitos: o 1º Exército avançaria a partir do nordeste, enquanto o 2º penetraria pelo sul, com objetivo de envolver o 8º Exército alemão. Contudo, desde os primeiros dias de ofensiva, a coordenação revelou-se problemática.

A decisão fundamental tomada por Ludendorff foi concentrar a maior parte do 8º Exército contra o 2º Exército russo, considerado mais vulnerável. Essa concentração foi possível graças ao uso intensivo da malha ferroviária interna, permitindo deslocamento rápido de corpos entre os setores norte e sul.

O comando alemão estava preocupado com a resistência do

2º Exército russo, com a possibilidade de o 1º Exército vir em seu auxílio. Nessa perspectiva, a rápida destruição do exército de Samsonov era imperativa. O subchefe do estado-maior do 8º Exército, Carl Hoffmann, no entanto, estava confiante de que isso não aconteceria por conta de sua experiência pessoal com ambos os comandantes russos. Hoffmann servira na Guerra Russo-Japonesa de 1905 como observador, e estava muito ciente do fato de que Samsonov e Rennenkampf se desprezavam completamente. Samsonov envergonhou publicamente Rennenkampf, esbofetando-o em uma estação de trem após o conflito, culpando-o pela derrota russa na Batalha de Mukden¹⁰.

O 2º Exército russo avançava em três eixos principais: o I Corpo a leste, o XIII Corpo ao centro e o XV Corpo a oeste. A progressão era lenta, prejudicada por deficiência logística e dificuldades de comunicação. As mensagens russas transmitidas sem codificação adequada foram interceptadas



pelos alemães, permitindo conhecimento preciso da dispersão inimiga¹¹.

ças alemãs iniciaram manobra de envolvimento. O I Corpo alemão, sob Hermann von François, avançou a partir do oeste contra o flanco esquerdo russo, próximo a Usdau. Apesar de inicialmente hesitar por considerar suas tropas ainda não totalmente concentradas, François lançou ataque que desestabilizou o XV Corpo russo¹².

Simultaneamente, o XVII Corpo alemão pressionava o flanco direito russo na região de Bischofsburg. A intenção alemã era criar movimento de pinça, comprimindo as forças de Samsenov em direção ao centro de um bolsão.

Nos dias 28 e 29 de agosto, a situação russa deteriorou-se rapidamente. A coordenação entre corpos tornou-se impossível. As unidades russas, avançando por estradas estreitas entre áreas lacustres e florestais, perderam contato entre si. O cerco começou

a se fechar na região ao sul de Allenstein.

Fig. 3 – Infantaria alemã deslocando-se para ocupar posição de ataque



Fonte: Deutsches Bundesarchiv

Stone observa que a geografia da Masúria favorecia operações defensivas alemãs e dificultava retirada organizada russa, pois “os lagos funcionavam como obstáculos naturais que canalizavam os movimentos”¹³. À medida que os alemães consolidavam



posições ao norte e ao sul, o 2º Exército ficou comprimido numa área cada vez menor.

Em 29 de agosto, o cerco estava praticamente completo. Tropas russas tentaram romper linhas alemãs em direção a Neidenburg, mas foram repelidas por fogo concentrado de artilharia. A ausência de coordenação com o 1º Exército de *Rennenkampf*, que avançava lentamente e não conseguiu socorrer *Samsonov*, selou o destino da operação.

O colapso tornou-se evidente em 30 de agosto. Cerca de 90 mil soldados russos foram capturados, além de grande quantidade de peças de artilharia. Estima-se que aproximadamente 30 mil tenham sido mortos ou feridos¹⁴. Diante da magnitude do desastre, *Samsonov* afastou-se do quartel-general e suicidou-se em floresta próxima a *Willenberg*.

Do ponto de vista alemão, as perdas foram significativamente menores, cerca de 12 mil homens¹⁵. A assimetria numérica do resultado contribuiu para a

construção posterior da batalha como aniquilação exemplar.

Entretanto, a vitória não eliminou a presença russa na Prússia Oriental. O 1º Exército manteve capacidade operacional e enfrentaria forças alemãs nas primeiras Batalhas dos Lagos *Masurianos* em setembro de 1914. Assim, *Tannenberg* representou destruição de um exército específico, não a neutralização estratégica da ameaça russa.

A análise detalhada dos movimentos revela que o sucesso alemão derivou da combinação de mobilidade ferroviária interna, superioridade na coordenação de estado-maior, exploração de falhas de comunicação russas, uso eficaz da geografia defensiva e fragmentação operacional do adversário.

A superioridade ferroviária alemã desempenhou papel central. Segundo *Herwig*, “a eficiência da rede ferroviária prussiana possibilitou concentração de forças com rapidez impossível ao adversário”¹⁶. A mobilidade



operacional compensou inferioridade numérica.

Fig. 4 – Soldados russos mortos no interior de trincheira, perto de Usdam



Fonte: *Regimentsgeschichte Kronpinze*

Herwig enfatiza que o comando alemão assumiu riscos consideráveis ao redistribuir forças, deixando temporariamente setores expostos¹⁷. A vitória, portanto, não foi inevitável; resultou

de aposta calculada que poderia ter produzido resultado distinto caso *Rennenkampf* avançasse com maior celeridade.

Essa reconstrução operacional é essencial para evitar leitura retrospectiva determinista. A batalha foi contingente, marcada por decisões tomadas sob pressão e por incerteza informacional típica da guerra moderna.

CULTURA DA GUERRA E SACRALIZAÇÃO DA VITÓRIA

A decisão de nomear a batalha como “*Tannenberg*” não foi casual. O combate ocorreu próximo a *Allenstein*, mas o nome escolhido evocava deliberadamente a derrota teutônica de 1410¹⁸.

Segundo Showalter, a escolha “constituiu ato consciente de reconfiguração histórica”¹⁹. Ao associar o evento contemporâneo à memória medieval, o comando alemão inseriu a vitória num arco temporal longo de revanche civilizacional.



Halbwachs oferece instrumental decisivo para compreender esse processo. Ele sustenta que os grupos sociais “localizam suas lembranças em quadros espaciais e temporais que lhes conferem coerência”²⁰. Ao reativar a memória de 1410, a Alemanha imperial reinterpretou 1914 como correção de uma humilhação histórica. Essa operação memorial não apenas exaltava o passado, mas legitimava o presente. A nova Tannenberg inscrevia-se na narrativa de missão histórica alemã no Leste europeu.

Mosse demonstrou que a guerra moderna produziu mitos nacionais capazes de integrar morte e identidade²¹. A batalha tornou-se um desses mitos fundacionais, especialmente após a construção do Monumento de Tannenberg, na década de 1920.

Jay Winter lembra que monumentos não apenas recordam mortos; eles “organizam a experiência coletiva da perda”²². O memorial de Tannenberg institucionalizou a narrativa de vitória

redentora, convertendo a batalha em símbolo perene.

Se a dimensão operacional de Tannenberg explica o êxito militar alemão, é a cultura política da guerra que explica sua transfiguração simbólica. A Grande Guerra inaugurou uma nova gramática de legitimação da violência, na qual vitória, sacrifício e comunidade nacional se entrelaçaram de maneira inédita. Como observa George Mosse, a guerra produziu “um estilo político que sacralizou a nação por meio da morte organizada”²³. Nesse sentido, Tannenberg constituiu não apenas triunfo militar, mas momento de cristalização estética da guerra redentora.

A Alemanha de 1914 vivia a tensão entre modernização acelerada e insegurança identitária. A vitória na Frente Oriental ofereceu a narrativa de unidade nacional no momento em que o conflito se anunciava prolongado. Jay Winter argumenta que a cultura de guerra europeia construiu linguagens simbólicas capazes de tornar a morte “aceitável dentro



de quadros morais compartilhados”²⁴. Tannenberg forneceu exatamente esse quadro: uma vitória interpretada como confirmação da missão histórica germânica no leste.

A sacralização da batalha implicou o deslocamento do foco da destruição material para a transcendência moral. A imprensa alemã apresentou o episódio como prova da superioridade organizacional e espiritual do *Reich*. A figura de Paul von Hindenburg emergiu como herói quase mítico. Herwig observa que o comando alemão rapidamente percebeu o potencial político do episódio, transformando Hindenburg em símbolo de estabilidade nacional²⁵.

Essa personalização da vitória revela processo típico da cultura política da guerra moderna: a necessidade de encarnar a nação em figuras heroicas. Mosse demonstra que a guerra gerou arquétipos masculinos de disciplina, honra e sacrifício que estruturaram o imaginário político do entreguerras²⁶. Tannenberg

tornou-se um dos primeiros laboratórios dessa mitificação.

A batalha também contribuiu para reforçar a percepção alemã de confronto civilizacional com o “Oriente”. O discurso público frequentemente caracterizava o adversário russo como atrasado, caótico e desorganizado, contraponto à racionalidade técnica alemã. Tal construção retórica insere-se na tradição orientalista centro-europeia, que via o leste como espaço de missão histórica e expansão cultural.

A memória da vitória, portanto, não foi neutra. Ela organizou hierarquias culturais e justificou ambições geopolíticas. Aqui a teoria de Halbwachs mostra sua potência explicativa: as lembranças coletivas não são simples registros do passado, mas reconstruções que reforçam coesão grupal²⁷. Tannenberg operou como narrativa agregadora num momento de incerteza estratégica.



INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEMÓRIA: MONUMENTO, RITUAL, ESPAÇO E POLÍTICA

A consolidação simbólica de Tannenberg ultrapassou rapidamente o campo da narrativa jornalística e da celebração militar imediata. A partir de 1918, a batalha foi progressivamente reconfigurada como marco identitário de uma comunidade nacional que buscava reinterpretar a derrota global do conflito. O processo de monumentalização culminou na construção do *Tannenberg-Denkmal* (Memorial de Tannenberg), inaugurado em 1927 na Prússia Oriental, não apenas como memorial aos mortos, mas como arquitetura programática de memória política.

A edificação do monumento deve ser compreendida no contexto específico da República de Weimar, marcada por instabilidade institucional, polarização ideológica e disputas intensas sobre o significado da guerra. Ao contrário das tradições memorialísticas britânica e francesa, que,

como demonstrou Jay Winter, privilegiaram formas de luto introspectivo, centradas na perda individual e na dor privada²⁸, o Memorial de Tannenberg enfatizava monumentalidade, verticalidade e afirmação heroica. Seu desenho arquitetônico, composto por torres maciças dispostas em planta octogonal, evocava simultaneamente fortificação medieval e espaço sagrado, produzindo uma estética de permanência e grandeza.

Essa diferença não é meramente estilística. Ela reflete distintas culturas políticas do pós-guerra. Enquanto nas potências vencedoras a memória pública buscava integrar trauma e sacrifício, na Alemanha derrotada a memória operava como campo de disputa sobre responsabilidade e legitimidade. A apropriação de Tannenberg como símbolo fundador permitia deslocar o foco da capitulação de 1918 para a “pureza” heroica de 1914, concebida como momento de unidade nacional não contaminado pela crise interna.



Fig. 5 - Vista aérea do *Tannenberg-Denkmal*, fotografado em 1934



Fonte: *Deutsches Bundesarchiv*

Aqui se articula diretamente a memória da batalha com o mito da *Dolchstoßlegende*, a “lenda da punhalada pelas costas”. Ao afirmar que o exército permanecera invicto no campo de batalha, os defensores dessa narrativa necessitavam de episódios exemplares que comprovassem a capacidade militar alemã. Tannenberg oferecia evidência ideal: destruição de um exército russo inteiro, sob liderança de Hindenburg, em

território ameaçado. A vitória tornava-se prova empírica da suposta invencibilidade militar, reforçando a tese de que a derrota final fora produto de traição interna e não de colapso estratégico.

George Mosse argumenta que o período do entreguerras assistiu à consolidação de uma “mitologia da experiência de guerra”, na qual sacrifício e heroísmo eram integrados à identidade



nacional²⁹. O Memorial de Tannenberg não se limitava a recordar mortos; ele encenava uma narrativa de redenção. A monumentalidade arquitetônica operava como pedagogia política, ensinando ao visitante uma leitura específica do passado.

Maurice Halbwachs oferece instrumental decisivo para compreender essa dinâmica. Para ele, a memória coletiva necessita de “quadros sociais” e de suportes espaciais que a estabilizem³⁰. O monumento funciona como cristalização material da memória, fixando interpretações e limitando leituras alternativas. Ao inscrever a vitória de 1914 no espaço físico da Prússia Oriental, o *Tannenberg-Denkmal* transformava o território em arquivo simbólico.

Além disso, a localização geográfica do monumento não era neutra. A Prússia Oriental, região de fronteira com o mundo eslavo, possuía forte carga identitária na cultura política alemã. A monumentalização ali reforçava a ideia de missão histórica germânica no Leste europeu, antecipando

discursos posteriores de expansão territorial.

Durante a década de 1920, o monumento tornou-se palco de rituais cívico-militares, encontros de veteranos, cerimônias patrióticas e celebrações da memória de Hindenburg. Esses rituais não apenas comemoravam o passado; produziam comunidade política no presente. A ritualização periódica consolidava a batalha como elemento central da tradição nacional.

Com a ascensão do nacional-socialismo, o processo de instrumentalização intensificou-se. O regime incorporou Tannenberg à sua liturgia política. O funeral de Paul von Hindenburg (figura 6), realizado no monumento em 1934, constituiu momento emblemático dessa fusão entre memória da guerra e legitimação do novo poder. A encenação pública do evento vinculava a autoridade militar do passado ao projeto político autoritário do presente.

A batalha de 1914 passou, então, a ser reinterpretada como prenúncio do “renascimento”



alemão sob Hitler. Essa reapropriação evidencia a maleabilidade da memória coletiva: o mesmo evento podia servir a contextos políticos distintos, desde a tentativa de estabilização conservadora de Weimar até a radicalização totalitária do Terceiro Reich.

Nesse ponto, Tannenberg deixa definitivamente o domínio exclusivo da história militar e passa a integrar a história das representações políticas. A

monumentalização revela como sociedades modernas transformam violência organizada em capital simbólico. O evento estratégico converte-se em mito fundador; o campo de batalha transforma-se em espaço sagrado; o comandante militar converte-se em figura quase carismática.

Com o avanço do Exército Vermelho, em 1945, o *Tannenberg-Denkmal* foi parcialmente destruído pelas tropas alemãs em

Fig. 6 - Funeral do Marechal Paul Hindenburg no *Tannenberg-Denkmal*



Fonte: *Allgemeiner Deutscher Nachrichtendienst*



retirada, para evitar sua apropriação simbólica, e, posteriormente, desmontado pelas autoridades soviéticas e polonesas. Restaram apenas fragmentos estruturais e vestígios topográficos; parte dos materiais foi reutilizada na reconstrução local. Hoje, o sítio conserva ruínas discretas e marcações memoriais polonesas, que reinterpretam o espaço sob nova narrativa histórica, deslocando o eixo simbólico do heroísmo alemão para a memória regional³¹.

A trajetória do *Tannenberg-Denkmal* ilustra, exemplarmente, a historicidade dos monumentos: longe de serem estruturas fixas de recordação, constituem dispositivos políticos sujeitos à ressignificação, à disputa e, por vezes, ao apagamento físico. Seu ciclo – construção, sacralização, instrumentalização ideológica e destruição – evidencia como a cultura memorial do século XX esteve profundamente vinculada às transformações do poder estatal e às guerras de significado travadas no espaço público.

A institucionalização da memória de Tannenberg demonstra que a guerra moderna não termina com o cessar-fogo. Ela continua na disputa por narrativas, na arquitetura pública, nos rituais coletivos e na pedagogia política do espaço. O monumento não apenas recordava a batalha: ele ensinava como ela deveria ser lembrada.

A análise desse processo permite compreender a profunda imbricação entre memória, espaço e poder. Ao monumentalizar Tannenberg, a sociedade alemã do entreguerras não estava simplesmente preservando o passado, mas reorganizando-o segundo necessidades identitárias e conflitos políticos contemporâneos. A batalha tornava-se instrumento de coesão, exclusão e mobilização, um exemplo paradigmático da instrumentalização moderna da memória coletiva.



O DEBATE HISTORIOGRÁFICO

O debate historiográfico em torno de Tannenberg revela não apenas divergências sobre causalidade militar, mas também transformações metodológicas mais amplas na história da Grande Guerra. Durante boa parte do século XX, a historiografia anglófona tendeu a interpretar a batalha como triunfo da eficiência organizacional alemã, enfatizando sobretudo o papel da interceptação de comunicações russas e a capacidade de mobilidade ferroviária interna. Nesse registro, Tannenberg aparecia como demonstração exemplar da superioridade do estado-maior prussiano.

Dennis Showalter, embora reconheça a importância decisiva da inteligência de sinais, especialmente a leitura de mensagens russas transmitidas sem codificação, relativiza qualquer determinismo técnico. Para ele, a vitória foi resultado de um conjunto de decisões arriscadas tomadas sob condições de incerteza

operacional. O comando alemão concentrou forças contra Samsenov assumindo o risco de deixar setores vulneráveis diante do 1º Exército russo³². Assim, Tannenberg não seria simples produto da eficiência burocrática, mas combinação contingente de audácia estratégica, exploração de falhas adversárias e circunstâncias favoráveis.

Norman Stone, por sua vez, desloca o foco da genialidade alemã para as limitações estruturais do Império Russo. Em sua leitura, o colapso do 2º Exército decorreu menos de superioridade alemã intrínseca e mais de problemas sistêmicos russos: logística precária, rivalidades entre comandantes, deficiência industrial e dificuldades de coordenação operacional³³. Ao relativizar a dimensão decisiva da batalha, Stone argumenta que a Rússia manteve capacidade ofensiva significativa após 1914, como demonstrado nas campanhas subsequentes no front oriental. Desse modo, Tannenberg não teria



alterado o equilíbrio estratégico global da guerra.

A partir das décadas finais do século XX, entretanto, o debate historiográfico ampliou-se para além da controvérsia sobre causalidade tática. A renovação da história militar, influenciada por abordagens sociais e culturais, passou a questionar a tendência de tratar a Frente Oriental como teatro secundário da guerra. A centralidade atribuída à Frente Ocidental na memória pública europeia havia obscurecido a magnitude das operações no leste, onde milhões de soldados estiveram envolvidos em campanhas de grande mobilidade e violência extrema.

Nesse contexto revisionista, Tannenberg passou a ser interpretada como parte de um sistema mais amplo de guerra imperial na Europa centro-oriental. A batalha não seria apenas confronto bilateral germano-russo, mas episódio inserido em dinâmica imperial complexa, envolvendo também a Áustria-Hungria e as fragilidades multinacionais

do espaço oriental. A análise desloca-se, portanto, do heroísmo individual para as estruturas político-militares de impérios em crise.

Holger Herwig contribuiu decisivamente para essa reinterpretação ao sublinhar que o êxito de agosto de 1914 não resolveu os dilemas estratégicos fundamentais do Império Alemão³⁴. A Alemanha continuou enfrentando guerra em duas frentes, bloqueio econômico e desgaste prolongado. Tannenberg, embora espetacular, não impediu a transformação do conflito em guerra de atrito de longa duração. Assim, a batalha deve ser compreendida como vitória tática cuja projeção simbólica superou em muito seus efeitos estratégicos concretos.

Essa desproporção entre impacto militar e impacto memorial tornou-se objeto de investigação historiográfica recente. Ao integrar história militar e história cultural, pesquisadores passaram a indagar como determinados eventos adquirem centralidade simbólica enquanto outros, de



consequências mais amplas, permanecem relativamente marginalizados na memória pública. Tannenbergr converteu-se em caso exemplar dessa dinâmica: uma vitória operacional localizada transformada em mito fundador da identidade militar alemã.

O debate, portanto, desloca-se do eixo “quem venceu e por quê” para questões mais amplas: como a batalha foi narrada? por que foi monumentalizada? de que modo serviu à legitimação política no entreguerras? Nesse sentido, a historiografia recente aproxima-se das formulações da história cultural da guerra, que enfatiza a construção social do significado dos combates.

Ao superar leituras teleológicas, que viam em Tannenbergr prenúncio inevitável do militarismo alemão ou da radicalização nazista, a historiografia contemporânea busca restituir a continuidade histórica. A batalha não continha em si mesma o desfecho político posterior; foi sua interpretação e instrumentalização

que lhe conferiram densidade simbólica duradoura.

Assim, o debate historiográfico revela três fases interpretativas principais:

a) Fase operacional clássica, centrada na genialidade alemã e na inteligência militar;

b) Fase estrutural revisionista, que enfatiza limitações sistêmicas russas e contexto imperial;

c) Fase cultural-memorial, que analisa a construção simbólica e política da batalha.

A compreensão plena de Tannenbergr exige integrar essas três dimensões. Reduzi-la a manobra de pinça tecnicamente bem-sucedida obscurece seu papel na cultura política alemã; tratá-la apenas como mito nacional ignora sua complexidade operacional concreta. A tensão entre evento e representação, estratégia e memória, constitui precisamente o núcleo interpretativo mais fértil do debate contemporâneo.



No Brasil, os estudos sobre a Grande Guerra expandiram-se significativamente nas últimas duas décadas. Pesquisadores têm problematizado tanto a inserção diplomática brasileira quanto as dimensões culturais do conflito.

A incorporação de debates sobre memória coletiva e cultura da guerra aproxima a análise de Tannenberg das tendências contemporâneas da historiografia brasileira, que busca superar narrativas meramente diplomáticas ou militares. A interlocução com autores como Delmo Arguelhes³⁵, Carlos Daróz³⁶ e Cristiano Brum³⁷, em suas reflexões sobre circulação de ideias militares e cultura estratégica, permite inserir o episódio no quadro mais amplo da recepção e interpretação do conflito no Brasil.

A abordagem cultural da guerra contribui para ampliar o escopo interpretativo nacional, conectando o front oriental às dinâmicas globais de produção simbólica da guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENTRE O EVENTO E O MITO

A Batalha de Tannenberg pode ser compreendida, em perspectiva ampliada, não apenas como um acontecimento militar decisivo de agosto de 1914, mas como um evento estruturante de sentido, cuja eficácia histórica ultrapassou em muito seus resultados táticos e operacionais. Se, no plano estritamente militar, representou a aniquilação quase completa do 2º Exército russo e consolidou a segurança estratégica da Prússia Oriental, no plano simbólico ela operou como um dispositivo de significação política, identitária e memorial.

Do ponto de vista da história militar renovada, Tannenberg constitui exemplo paradigmático da guerra de movimento em sua fase inicial, demonstrando a importância da mobilidade ferroviária, da interceptação de comunicações e da coordenação entre comandos locais. A vitória alemã, obtida por meio de manobras de envolvimento e concentração de



forças contra inimigos separados, revelou a plasticidade operacional do estado-maior alemão, ao mesmo tempo em que expôs as fragilidades estruturais do aparato militar russo. Contudo, limitar-se a essa dimensão técnico-operacional implicaria reduzir o fenômeno à sua superfície estratégica.

A batalha deve ser igualmente interpretada como um ato fundador de memória nacional. Ao escolher o nome “Tannenberg”, evocando deliberadamente a derrota medieval dos Cavaleiros Teutônicos em 1410, a liderança alemã produziu uma operação simbólica de reparação histórica. A vitória de 1914 foi inscrita numa longa duração imaginária, convertendo-se em revanche histórica e reafirmação da missão germânica no Leste.

A construção do Memorial de Tannenberg, posteriormente monumentalizado durante o Terceiro Reich, materializou essa cristalização simbólica do acontecimento, transformando-o em

“lugar de memória”, no sentido proposto por Pierre Nora.

Sob a ótica da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs, Tannenberg evidencia como o passado não é um dado fixo, mas uma reconstrução social continuamente atualizada³⁸. O evento foi reinterpretado conforme as necessidades políticas de cada regime:

- No Império, como demonstração da superioridade militar alemã;

- Na República de Weimar, como símbolo de estabilidade em meio à crise;

- No regime nazista, como mito legitimador da liderança carismática e da revanche contra o “cerco” externo;

- Na historiografia posterior, como objeto de revisão crítica, que relativizou a centralidade heroica de Hindenburg e Ludendorff, reconhecendo o papel decisivo de oficiais como Hoffmann e François.

Essa plasticidade interpretativa confirma que Tannenberg funcionou como mito político



operativo, isto é, como narrativa mobilizadora dotada de eficácia concreta na organização do poder e da identidade nacional. A batalha não foi apenas lembrada: foi instrumentalizada, ritualizada e reinscrita no espaço público por meio de monumentos, cerimônias e obras literárias, como *Agosto de 1914*, de Aleksandr Soljenítsin, que problematizaram sua dimensão humana e trágica³⁹.

Do ponto de vista teórico mais amplo, Tannenbergl ilustra como guerras modernas produzem “camadas de temporalidade”:

- Tempo operacional – a sucessão rápida de decisões e manobras;

- Tempo político – a incorporação do evento ao discurso estatal;

- Tempo memorial – a sedimentação simbólica ao longo das décadas;

- Tempo historiográfico – a revisão crítica que desloca mitos e reconstrói causalidades.

A articulação entre esses planos demonstra que o significado histórico de uma batalha não se esgota em seu resultado imediato. A vitória alemã de 1914 foi militarmente decisiva, mas sua permanência na cultura política alemã decorreu de sua capacidade de oferecer uma narrativa de ordem, competência e grandeza em um século marcado por rupturas traumáticas.

Assim, Tannenbergl não deve ser analisada apenas como episódio da Frente Oriental da Grande Guerra, mas como um laboratório da modernidade bélica e memorial. Ela revela como a violência organizada pode ser convertida em capital simbólico duradouro; como o campo de batalha pode transformar-se em fundamento identitário; e como a memória coletiva reconfigura o passado segundo as exigências do presente.

Estudar Tannenbergl, portanto, significa investigar o processo pelo qual acontecimentos militares são transmutados em estruturas narrativas que atravessam regimes, ideologias e



gerações. Mais do que uma vitória estratégica, Tannenberg foi uma construção histórica contínua, um evento que permaneceu vivo porque foi reiteradamente reimaginado.

BIBLIOGRAFIA

ARGUELHES, Delmo. *Sob o céu das valquírias as concepções de heroísmo e honra dos pilotos de caça na grande guerra (1914-18)*. Curitiba: CRV, 2020.

BRUM, Cristiano. *Médicos Brasileiros na Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2021.

DARÓZ, Carlos. *Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2025.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *La Grande Guerre des Français: 1914–1918, l'incompréhensible*. Paris: Perrin, 1994.

DURSCHMIED, Erik. *Fora de controle: como o acaso e a estupidez mudaram a história do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HERWIG, Holger H. *The First World War: Germany and Austria-Hungary 1914–1918*. London: Arnold, 1997.

KÜRENBERG, Joachim von. *Russlands Weg nach Tannenberg*. Paderborn: Salzwasser-Verlag, 2012.

MOSSE, George L. *Fallen Soldiers: Reshaping the Memory of the World Wars*. New York: Oxford University Press, 1990.

SHOWALTER, Dennis E. *Tannenberg: Clash of Empires, 1914*. Hamden: Archon Books, 1991.

SOLJENÍTSIN, Aleksandr. *August 1914*. New York: Vintage Classics, 2014.

SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial: história completa*. São Paulo: Contexto, 2015.

STONE, Norman. *The Eastern Front 1914–1917*. London: Penguin, 1998.

TIETZ, Jürgen. *Das Tannenberg-Nationaldenkmal: architektur*,



geschichte, kontext. Berlin: Huss-Medien, 1999.

WINTER, Jay. *Sites of Memory, Sites of Mourning: The Great War in European Cultural History*.

Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

NOTAS

¹ De acordo com SONDHAUS (2015, p. 13) “em setembro de 1914, em declarações citadas pela imprensa norte-americana, o biólogo alemão e filósofo Ernst Haeckel fez a primeira referência registrada ao conflito como ‘Primeira Guerra Mundial’ [...]”. No entanto, segundo o autor, “o rótulo de ‘Primeira Guerra Mundial’ só se tornaria corrente depois de 1939, quando a revista *Time* e uma série de outras publicações popularizaram seu uso como corolário da expressão ‘Segunda Guerra Mundial’.” No presente trabalho, a partir daqui, utilizarei a expressão contemporânea Grande Guerra, ou, como também é conhecida na Europa, conflito 1914-18.

² O Plano Schlieffen, elaborado entre 1905 e 1906 pelo então chefe do Estado-Maior alemão Alfred von Schlieffen, consistia em uma estratégia de guerra preventiva contra a França e a Rússia, considerados inimigos naturais da Alemanha, com base na suposição de que um conflito em duas frentes seria inevitável. Fundamentado nos princípios da guerra de manobra e de concentração de forças, o plano previa um

ataque maciço e rápido contra a França, por meio da violação da neutralidade da Bélgica e de Luxemburgo, flanqueando o Exército Francês pelo Norte e buscando uma vitória decisiva em poucas semanas. Com a derrota rápida da França, os exércitos alemães seriam então transferidos para a Frente Oriental, a fim de enfrentar o avanço russo. O plano refletia tanto a herança tática de Clausewitz, quanto a lógica de aniquilamento (*Niederwerfungsstrategie*), mas desconsiderava fatores logísticos, políticos e diplomáticos que contribuíram para seu fracasso já nos primeiros meses da guerra. Sua execução modificada, sob o comando de Helmuth von Moltke (“o Jovem”), resultou no impasse da Frente Ocidental e na transformação do conflito em uma guerra de atrito. Ver DUROSELLE, Jean-Baptiste. *La Grande Guerre des Français: 1914–1918, l’incompréhensible*. Paris: Perrin, 1994.

³ SHOWALTER, Dennis E. *Tannenberg: Clash of Empires, 1914*. Hamden: Archon Books, 1991.

⁴ STONE, Norman. *The Eastern Front 1914–1917*. London: Penguin, 1998.



⁵ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 67.

⁶ MOSSE, George L. *Fallen Soldiers: Reshaping the Memory of the World Wars*. New York: Oxford University Press, 1990.

⁷ WINTER, Jay. *Sites of Memory, Sites of Mourning: The Great War in European Cultural History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

⁸ Ver <https://bib.ulb.be/fr/bibliothèques/bsh>.

⁹ HERWIG, Holger H. *The First World War: Germany and Austria-Hungary 1914–1918*. London: Arnold, 1997.

¹⁰ DURSCHMIED, Erik. *Fora de controle: como o acaso e a estupidez mudaram a história do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

¹¹ STONE, op.cit.

¹² SHOWALTER, op.cit.

¹³ STONE, op.cit.

¹⁴ HERWIG, op.cit.

¹⁵ SHOWALTER, op.cit.

¹⁶ HERWIG, op.cit., p. 72.

¹⁷ HERWIG, op.cit.

¹⁸ A chamada Batalha de Tannenberg ocorreu em 15 de julho de 1410 e foi um dos maiores confrontos militares da Europa medieval. Enfrentaram-se, de um lado, o Estado da Ordem Teutônica e, de outro, a aliança entre o Reino da Polônia, liderado por Vladislau II Jagelão, e o Grão-Ducado da Lituânia,

sob Vitautas (Vytautas). Travada nas proximidades das localidades de Grunwald (Polônia), Tannenberg (Alemanha) e Žalgiris (Lituânia), a batalha resultou na derrota decisiva da Ordem Teutônica e na morte de seu Grão-Mestre, Ulrich von Jungingen. O revés marcou o início do declínio do poder político-militar teutônico no Báltico, e alterou o equilíbrio regional na Europa Centro-Oriental. Ver URBAN, William. *The Teutonic Knights: a military history*. London: Greenhill Books, 2003.

¹⁹ SHOWALTER, op.cit., p. 302.

²⁰ HALBWACHS, op.cit., p. 152.

²¹ MOSSE, op.cit.

²² WINTER, op.cit., p. 79.

²³ MOSSE, op.cit., p. 31.

²⁴ WINTER, op.cit., p. 12.

²⁵ HERWIG, op.cit.

²⁶ MOSSE, op.cit.

²⁷ HALBWACHS, op.cit., p. 85.

²⁸ WINTER, op.cit.

²⁹ MOSSE, op.cit.

³⁰ HALBWACHS, op.cit.

³¹ TIETZ, Jürgen. *Das Tannenberg-Nationaldenkmal: architektur, geschichte, kontext*. Berlin: Huss-Medien, 1999.

³² SHOWALTER, op.cit.

³³ STONE, op.cit.

³⁴ HERWIG, op.cit.

³⁵ ARGUELHES, Delmo. *Sob o céu das valquírias as concepções de heroísmo e*



honra dos pilotos de caça na grande guerra (1914-18). Curitiba: CRV, 2020.

³⁶ DARÓZ, Carlos. *Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2025.

³⁷ BRUM, Cristiano. *Médicos Brasileiros na Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2021.

³⁸ HALBWACHS, op.cit.

³⁹ SOLJENÍTSIN, Aleksandr. *August 1914*. New York: Vintage Classics, 2014.